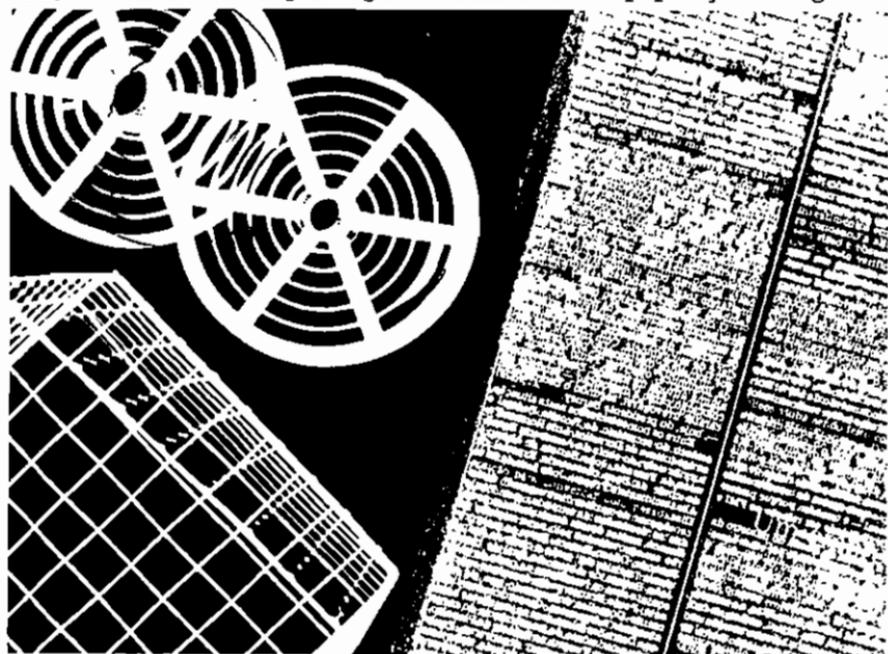


emissoras por se tratar de um "filão" altamente compatível com aquele que habitualmente é explorado pelos comunicadores do rádio AM.

Tudo isso pode ser constatado diariamente na postura e na linguagem de muitos comunicadores que atrás dos microfones acabaram suprimindo em certo sentido as carências emocionais de um público ouvinte tão desprivilegiado como a nossa população em geral.



## Uma prova de fogo para a imprensa: a luta contra a desinformação

Carlos Eduardo Lins da Silva

Todas as instituições sociais passaram por uma prova de fogo com a doença do presidente-eleito Tancredo Neves. A jornalística também. De repente, a imprensa se viu diante de um fato que ninguém podia prever, com desdobramentos que se prolongaram por 38 dias, com as notícias sendo descobertas e divulgadas a qualquer hora do dia ou da noite e uma densa cortina de despistamento para ser rompida.

Numa sociedade moderna, como a brasileira, os jornalistas acostumam-se a ter os eventos programados de modo a facilitar sua tarefa de recolher e divulgar as informações. Os políticos, os empresários, os artistas, todos têm interesse em ter notícias a seu respeito

divulgadas pelos jornais, rádio e televisão e fazem o possível para que as coisas aconteçam em horários convenientes para essa veiculação.

Mas os acontecimentos referentes à saúde de Tancredo não podiam ser programados. E, por isso, tornaram-se mais difíceis de serem cobertos. Os jornalistas tiveram que desdobrar-se do ponto de vista físico, os jornais que atrasar seus horários de fechamento, com as edições completadas sob pressões psicológicas e de tempo muito adversas.

Além disso, a cobertura exigiu um conhecimento específico detalhado e de rara utilização. Antes do episódio da doença de Tancredo, poucos jornalistas, assim como poucos cidadãos, haviam ouvido falar em divertículo de Meckel, leiomioma, pseudomonas, cintilografia, tomografia computadorizada e outras expressões médicas. Em curtíssimo espaço de tempo, tiveram de habituar-se com elas, informar-se a seu respeito para darem, várias vezes sem sucesso, uma informação correta e exata para seus leitores.

Essas são dificuldades de vulto, banais na profissão em qualquer lugar do mundo, sempre que uma figura pública permanece adoentada por longo período. Mas houve problemas adicionais, peculiares da situação brasileira.

Os jornalistas tiveram que defrontar-se com um rígido esquema de desinformação e obstrução da realidade, montado sob pretextos que foram da ética médica ao direito de privacidade da família. Essa cortina de fumaça dificultou a obtenção de informações corretas, obrigou jornais a se valerem prioritariamente do recurso do "off the records" e estimulou a disseminação de todo o tipo de boatos entre a população.

Além disso, foi necessário vencer o preconceito cultural (típico do País) que alimenta a crença de que falar da doença de uma pessoa contribui para agravá-la. Essa superstição recomenda que a respeito dos enfermos só se deve proferir lugares comuns sobre esperança, fé e preces. Apesar de ser uma crençice sem qualquer fundamento científico, encontra diversos adeptos, inclusive entre membros da comunidade científica.

O presidente-eleito Tancredo Neves era a pessoa mais importante do País. Sua enfermidade interessava a todos os cidadãos que seriam presididos por ele. A opinião pública tinha o direito de ter todas as informações a seu respeito divulgadas com correção e rapidez. Nem tabus culturais, nem pruridos familiares, nem interesses políticos poderiam sobrepor-se a esse direito público.

Parte da imprensa tentou furar o cerco da desinformação. Em especial, esta *Folha*, o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*. Depois da transferência de Tancredo para São Paulo, o *Globo* incorporou-se a esse grupo. Outra parte preferiu juntar-se aos que pretendiam tratar a opinião pública como crianças a quem se deve ocultar os fatos difíceis da vida. Em particular, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*.

Do difícil teste por que passou, a imprensa brasileira saiu com algumas feridas mas, com certeza, mais forte para enfrentar os anos que se seguem. Os jornais e revistas que correram o risco de apurar e contar todos os fatos a público podem ter atraído algumas antipatias das pessoas que concordavam com a operação de desmistamento e cometido alguns enganos. A *Folha*, por exemplo, pu-

blicou que Tancredo tinha tido apendicite (quando não teve) e que seu pulmão mais afetado pela inflamação era o direito (e era o esquerdo). Mas seus leitores ficaram melhor informados. E em jornalismo, o que vale é a informação correta, revelada com coragem e independência.

Reproduzido de a *Folha de S. Paulo*, 22/04/85.

## Uma longa e cansativa viagem pelo Império do "off"

Ouhydes Fonseca

A cobertura jornalística da doença do falecido presidente Tancredo Neves (trinta e nove dias, dos quais vinte e nove no Instituto do Coração, em São Paulo) levantou uma série de questões que, em nível de três dos grandes MCM — TV, rádio e jornal — terão que ser agora devidamente discutidas. Uma coisa, porém, não deixou dúvidas: foi a mais longa, fatigante, desgastante, além de inédita, tarefa a que se entregaram os jornalistas na história política do país.

Apanhados de surpresa com o repentino internamento de Tancredo Neves na noite de 14 de março, véspera de sua posse na Presidência, em Brasília, os veículos de comunicação levaram algum tempo para se organizarem, mesmo porque os primeiros boletins médicos não davam idéia da estafante vigília que estava por ocorrer. Transformado num grande acampamento de ecumenismo jornalístico, o espaço fronteiro ao Instituto do Coração e o prédio do Centro de Convenções Rebouças acabou entrando numa rotina *stressante* onde só se teve a certeza de que o fim chegara quando o secretário de Imprensa da Presidência da República, Antônio Britto, incluiu no penúltimo boletim oficial do dia 21 a palavra-código, combinada com os jornalistas: irreversibilidade.

Uma das características dessa cobertura (sinal da Nova República?) foi a utilização do *off* como jamais se havia visto. A cada boletim médico oficial carregado de jargão médico inacessíveis ao público comum, Antônio Britto se reunia com os jornalistas para dissecar as informações e dar tom mais realístico ao que ocorria na sala de UTI. Esse dado é destacado pela chefe de redação da sucursal do *Jornal do Brasil*, Maria Ignês Caravaggi: "Sem as informações em *off*, que ao final já eram quase em *on*, nosso trabalho seria mais difícil".

Para o chefe de reportagem da sucursal de *O Globo* em São Paulo, José Augusto Bezerra, "as controvérsias sobre o estado de saúde do Presidente causadas pelos boletins enganaram o povo e os jornais tiveram que buscar a verdade em outras fontes". Nesse sentido, os dois grandes jornais do Rio acabaram organizando esquemas seme-